

**UM ESTUDO DA CONTRATRANSFERÊNCIA NO AMBIENTE
HOSPITALAR: A ESCUTA PSICANALÍTICA A PARTIR DA SÉRIE *THE
GOOD DOCTOR***

*A STUDY OF CONTRACT TRANSFER IN THE HOSPITAL
ENVIRONMENT: PSYCHOANALYTIC LISTENING FROM THE GOOD
DOCTOR SERIES*

Thais Kerolin Mafra¹

Gustavo Angeli²

Jeisa Benevenuti³

RESUMO: Este artigo analisa as relações transferenciais existentes no ambiente hospitalar, com ênfase na contratransferência a partir da série ‘*The Good Doctor*’. A pesquisa é sustentada pelo método psicanalítico, utilizando referenciais teóricos freudianos e pós-freudianos. Após uma escuta da série, realizou-se uma análise de recortes das cenas, identificando os impasses da contratransferência nos ambientes hospitalares e a importância em o analista escutar suas próprias contratransferências para o manejo e condução do tratamento dos pacientes.

Palavras-chaves: contratransferência; hospital; psicanálise.

ABSTRACT: *This article aimed to analyze transference relationships existing in the hospital environment, with an emphasis on countertransference from the ‘The Good Doctor’ series. The research is supported under the psychoanalytic method, using theoretical Freudian and post-Freudian references. After listening, an analysis of the series’ clippings was performed, identifying the impasses of the countertransference in the hospital environments, and the*

¹ Psicóloga pelo Centro Universitário de Brusque. E-mail: kerolin.mafra@gmail.com.

² Psicólogo pela Universidade Regional de Blumenau. Doutorando em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá. Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário de Brusque E-mail: gustavooangeli@gmail.com.

³ Psicóloga pela Universidade do Vale do Itajaí. Doutora e Mestre pela Universidade Federal de Santa Catarina. Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário de Brusque. E-mail: jeisa@unifebe.edu.br.



Um estudo da contratransferência no ambiente hospitalar: a escuta psicanalítica a partir da série *the good doctor*

important thing for the analyst to listen to his own countertransference.

Keywords: *countertransference; hospital; psychoanalysis.*

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo analisar a contratransferência diante da atuação do profissional da saúde, especificamente médicos. Essa análise ocorrerá partir de articulações com a série *'The Good Doctor'*. A série televisiva, lançada no ano de 2017, nos Estados Unidos, relata a história de Dr. Shaun Murphy, um jovem cirurgião diagnosticado com autismo, que se muda de uma cidade do interior para *San Jose*, a fim de trabalhar em um hospital. Além de enfrentar os desafios profissionais, ele precisa provar aos colegas e superiores que é competente o bastante para atuar como cirurgião médico.

O que mais chama a atenção ao assistir à série, é que ela nos revela o dia a dia de um hospital, incluindo os desafios de médicos e da sua equipe, e explicita como é difícil lidar com pacientes nas mais diversas situações. Com base nessas discussões, neste trabalho, será retratada e analisada a relação dos médicos perante a contratransferência com seus pacientes. Apoiando-se em uma pesquisa psicanalítica, o artigo possibilitará não apenas agregar à formação acadêmica, mas construir conhecimentos dentro do campo psicanalítico.

A contratransferência pode ser definida como um tipo de conjunto de emoções e sentimentos despertados no analista (ZAMBELLI *et al.*, 2013) ou, no caso deste estudo, nos profissionais da saúde, por meio da relação transferencial com o paciente. Como consequência, Palhares (2008) aponta que a relação transferencial induz o analista a uma resposta emocional diante do analisando, ou seja, os afetos do analista se tornam presentes na sessão, constituindo a contratransferência. Portanto, o manejo da contratransferência tem grande importância para a continuidade e direcionamento do tratamento.

Todo profissional, no exercício de sua função, está submetido aos efeitos



Um estudo da contratransferência no ambiente hospitalar: a escuta psicanalítica a partir da série *the good doctor*

do encontro com seu paciente. Esse tipo de relação transferencial é definida como uma espécie de resistência, que se manifesta no psicanalista em relação ao seu paciente. Essa resistência é causada por conflitos inconscientes, que, por meio de falas dos pacientes, representam alguma emoção para o analista. Entretanto, tais reações emocionais são consideradas por Freud (1909/2010), obstáculos ao tratamento e, como tais, devem ser reconhecidas para que possam ser diferenciadas das emoções do paciente. Em outras palavras, o manejo da contratransferência dentro e fora da análise tem importância crucial para a continuidade do tratamento. Nas palavras de Freud (1909/2010, p. 88), "nenhum psicanalista avança além do quanto permitem seus próprios complexos e resistências internas".

A contratransferência se refere às resistências que cada profissional possui e que se tornam produto da relação entre paciente e analista, sendo, muitas vezes, incompreendida. Este encontro produz um campo de afetação, ou seja, não prejudicadamente o analista, mas o paciente, do qual nem o analista nem analisando podem escapar. Destaca-se que a transferência acontece em qualquer tipo de relação.

Na psicologia, a transferência é a relação com o analista, esquecendo-se de que o analista é, e ao mesmo tempo não é, a pessoa com quem o paciente se relaciona (MINERBO, 2016). Transferências são reedições das reações e fantasias que, durante o avanço da análise, costumam despertar-se e tornarem-se conscientes, com a característica de substituírem uma pessoa anterior pelo analista (FREUD, 1909/2010). Ou seja, toda experiência psíquica, tanto do paciente quanto do analista, é revivida, não como algo do passado, mas como um vínculo atual com o analista. Assim sendo, é muito mais que uma recondução de sentimentos do passado na relação com o analista.

Em relação à escolha do tema desta pesquisa, esta ocorreu baseada na experiência de estágio, realizado em um hospital situado em Brusque - Santa Catarina. A proposta inicial desse estágio seria de apenas realizar acolhimentos com as pessoas que se encontravam internadas e com sofrimento psicológico diante da situação que vivenciavam naquele momento. Por meio da escuta, foi



Um estudo da contratransferência no ambiente hospitalar: a escuta psicanalítica a partir da série *the good doctor*

analisado que determinados profissionais lidavam com pacientes de maneiras diferentes, mesmo que estivessem no mesmo quarto. Ao escutar os pacientes, ocorriam relatos de que estes sentiam diferença entre os tratamentos médicos oferecidos pelo hospital, ou seja, entre o modo de comunicação entre profissionais e pacientes. Outro aspecto desta vez mencionado pelos profissionais da saúde, seria o de que não conseguiam prestar serviços a certos pacientes, porém não sabiam explicar o motivo exato.

A presente pesquisa se sustenta no método psicanalítico e utiliza definições freudianas e pós-freudianas para compreender e interpretar a contratransferência dos profissionais de saúde no contexto hospitalar. Dessa forma, propomos um percurso teórico nos conceitos freudianos de transferência e contratransferência, um debate sobre a psicanálise em âmbito hospitalar, uma discussão sobre a estratégia de produção de conhecimento, a pesquisa psicanalítica, que utilizando a psicanálise extramuros, torna-se possível a construção de um saber psicanalítico para além dos consultórios particulares, e por fim, a análise de cenas que indicam a contratransferência na série 'The Good Doctor'

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 OS DESDOBRAMENTOS DA TRANSFERÊNCIA: O AMBIENTE HOSPITALAR

Iniciaremos a discussão acerca da transferência com uma revisão do conceito na obra de Sigmund Freud (1909/2010). Salieta-se que, no início da psicanálise, os estudos de Freud eram quase exclusivamente voltados à histeria. Assim sendo, o Caso Dora é um dos eventos centrais capaz entrelaçar e explicitar uma contratransferência. A partir desse caso, escrito por volta dos anos 1900 e publicado no ano de 1905, deu-se início aos estudos da transferência e contratransferências. Conforme afirma Isolan (2005), o conceito de transferência é um dos pilares da psicanálise, sendo muito mais que um



Um estudo da contratransferência no ambiente hospitalar: a escuta psicanalítica a partir da série *the good doctor*

simples sentimento do passado na relação entre o paciente e o analista.

Só é viável pensar em um trabalho psicanalítico a partir da transferência. O laço transferencial se estabelece entre paciente e analista durante o processo de análise, quando o analisando transfere e substitui uma pessoa do passado para a pessoa do analista (PIMENTEL; BARROS, 2009). Dessa forma, percebemos e vivenciamos a importância da transferência no tratamento do paciente e o quanto ela é indispensável, não havendo a possibilidade de evitá-la.

O conceito de transferência, para a psicanálise, é de grande importância quando se fala em abordar a relação entre pacientes e profissionais (NETO; BELO, 2019). Podemos dizer que a transferência é uma relação de confiança que poderá ou não se consolidar, marcando significativamente os rumos do próprio tratamento. Lacan (1966) afirma que é no campo da transferência que o analista deverá produzir respostas, considerando casos em que não há correspondência direta entre o que é demandado e o que é desejado pelo paciente. Para Simonetti (2018), a transferência não é para ser interpretada, ela é um dispositivo analítico, um instrumento a ser utilizado, independentemente do contexto.

No artigo 'Observações sobre o amor transferencial', Freud (1911/2010) retoma a ideia de transferência como resistência e aborda duas dificuldades sobre seu manejo, sendo ela a transferência e a resistência. A transferência utilizada pelo paciente, ou seja, utilizada como resistência durante o processo de análise, o que pode comprometer a associação livre. A transferência funciona tanto como força impulsora do tratamento quanto como resistência e limite (MAURANO, 2006).

Nesse sentido, emerge o seguinte questionamento: em qual momento da análise surge a resistência do paciente? Uma das formas de analisar se a resistência está ocorrendo se dá pela percepção do momento em que o paciente para de fazer a associação livre. De acordo com Macedo (2005), a associação livre é um método em que o paciente fala e o terapeuta escuta, não



Um estudo da contratransferência no ambiente hospitalar: a escuta psicanalítica a partir da série *the good doctor*

é recomendado interromper a fala consciente desse paciente. Mesmo assim, é necessário que o analista faça pontuações e intervenções durante a fala do paciente, que ele se dê conta que há muito mais na sua fala do que ele pode perceber. Entretanto, no texto 'Recordar, repetir e elaborar', Freud (1911/2010) afirma que o sujeito se encontra sob resistência quando paralisa suas associações, pois seus pensamentos estão direcionados para a figura do analista. Essa resistência, geralmente, surge no momento de recordar alguma situação de angústia, podendo tornar-se recalcada. O paciente, incapaz de recordar o que reprimiu, reproduz em ação em vez de lembranças e se expressa por meio de atuação, ao colocar em cena seus conteúdos psíquicos. Nesse sentido, a resistência usa a transferência.

Fica-se com impressão que a resistência está agindo como um agente provocável, ela intensifica o estado amoroso do paciente e exagera sua disposição a rendição sexual, a fim de justificar mais intensificada mente o funcionamento do recalque (FREUD, 1914/1996, p. 180).

Cesário (2012) define o conceito de resistência para se referir aos obstáculos que se impõem ao tratamento psicanalítico. Dessa forma, percebemos como a transferência é importante nesta relação e ganha tal importância durante as entrevistas preliminares para o estabelecimento do tratamento psicanalítico (MAURANO, 2006). Os traços da transferência poderiam ser caracterizados como um sentimento de afeto por uma pessoa importante na vida do sujeito, substituída pela figura do analista, que receberá todo esse sentimento. Assim, neste momento, o analista deverá ter manejo para diferenciar o que é seu e do seu paciente, ou seja, distinguir a posição do analista e do paciente, trabalhando as resistências identificadas.

Quando a resistência está em seu auge é que pode o analista, trabalhando em comum com o paciente, descobrir os impulsos recalcados que estão alimentando a resistência; e é este tipo de experiência que convence o paciente da existência e do poder de tais impulsos. O médico nada mais tem a fazer senão esperar e deixar as coisas seguirem seu curso, que não pode ser evitado nem continuamente apressado (FREUD, 1914/1996, p. 202).



Um estudo da contratransferência no ambiente hospitalar: a escuta psicanalítica a partir da série *the good doctor*

A resistência é um obstáculo que se apresenta ao tratamento e que pode ser erguido tanto pelo sujeito como pelo analista. Tudo isso ocorre por meio de uma relação transferencial. Portanto, o papel do analista, de certa forma, é de possibilitar ao sujeito a elaboração de suas questões e, com base na construção das suas narrativas, que comecem a surgir interpretações do sofrimento por parte do paciente (FREUD, 1914/1996). Já Lacan (1954/1955), ao dizer que a resistência é sempre do analista, radicalizará essa problemática, localizando-a no próprio centro da formação do psicanalista. Ou seja, mesmo que as resistências se expressem por meio dos adversários da psicanálise, ou, ainda, por meio dos pacientes, no âmbito da clínica, o fator determinante será, sempre, a habilidade do analista em manejar as forças que procuram arrastá-lo para abaixo do nível analítico.

Com tal intensidade, no consultório, ou em outro contexto, o profissional da saúde precisa entender que, a qualquer momento, haverá uma resistência e/ou transferência. A partir disso, Macedo (2005) afirma que é fundamental para o pensamento clínico destacar a escuta. Escutar-se, de fato, em sua análise pessoal, permite a instrumentalização do analista e oferece, conseqüentemente, a possibilidade de utilização de todos esses fatores como recursos que incrementam sua capacidade de escuta e de verdadeira sustentação do seu lugar (MACEDO, 2005, p.74). O mesmo autor afirma que devemos dar devida importância à escuta na psicanálise; pois, durante o processo de análise, vai se evidenciando o autoconhecimento. Entretanto, isso nem sempre é alcançado de maneira rápida, sem dificuldades/resistências, o que o impede de escutar o que está sendo (re)vivido na análise.



Um estudo da contratransferência no ambiente hospitalar: a escuta psicanalítica a partir da série *the good doctor*

2.1 A CONTRATRANSFERÊNCIA E SEUS IMPASSES: O DESEJO DO ANALISTA NO CONTEXTO HOSPITALAR

No ano de 1910, Freud criou o conceito de contratransferência, que está relacionado às reações emocionais inconscientes despertadas no analista pelo paciente. Freud (1909/2010) considerava que a contratransferência se formava por meio de sentimentos e reações neuróticas inconscientes do analista e a julgou prejudicial ao tratamento, considerando, portanto, que deveria ser evitada. No ano de 1909, Freud define que a contratransferência estaria ligada ao que denominou de “pontos cegos” do analista. Ao passar do tempo, com suas pesquisas, analisou que o desejo do analista pode interferir no manejo durante o atendimento e em como a transferência com o paciente será conduzida. De acordo com Maurano (2006), se o desejo do analista não estiver afinado com o trabalho, a resistência surgirá também do seu lado, por meio de uma transferência mal colocada por parte dele.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, os analistas começaram a atender pacientes com diversos traumas psicológicos, devido ao que vivenciaram em campo de guerra. A vivência com os soldados possibilitou a experiência de diversas emoções. Assim sendo, alguns analistas começaram a relatar fenômenos de contratransferência (WOLFF; FALCKE, 2011). Muitos relatavam como era difícil lidar com determinados sentimentos que o paciente lhes apresentava e acabavam despertando no analista. Dessa maneira, o analista se coloca como objeto, em vez de ser instrumento e conduzir a sessão. Essa é a resistência que melhor configura um obstáculo para a análise (MAURANO, 2006). O analista deve reconhecer que a fala do paciente é induzida pela situação analítica e não deve ser atribuído aos encantos de sua própria pessoa. Para o paciente, contudo, há duas alternativas: abandonar o tratamento psicanalítico ou aceitar e continuar com o tratamento, desde que o analista procure cuidar de suas contratransferências. É essencial que o profissional de saúde escute suas contratransferências também, para que



Um estudo da contratransferência no ambiente hospitalar: a escuta psicanalítica a partir da série *the good doctor*

consiga auxiliar no processo de análise do paciente que está em sofrimento. Freud (1909/2010) ressalta que é necessário que o analista reconheça a contratransferência e trabalhe para dar continuidade ao tratamento de seu paciente.

Em 1949, Winnicott escreve 'Ódio na Contratransferência', não se atendo apenas a descrever a contratransferência, mas refletindo sobre como lidar com determinados sentimentos que o paciente desperta no analista. De acordo com Winnicott (1983), o significado da palavra contratransferência só pode ser o de aspectos neuróticos que estragam a atitude profissional e perturbam o curso do processo analítico determinado pelo paciente.

Em muitas das literaturas psicanalistas, nos deparamos com distintas definições para a contratransferência, comparando muitos dos autores citados neste artigo, a exemplo de Freud, Lacan, Winnicott, Minerbo e Maurano. Apesar de o termo contratransferência ter muitas definições, seu objetivo central é o mesmo, ou seja, alguns termos são clássicos entre os psicanalistas, como:

- 1) Todos os sentimentos e atitudes do analista em relação ao paciente são considerados contratransferência; 2) A chamada concepção clássica como reação inconsciente do analista às transferências do paciente (neuróticas e não neuróticas por parte do analista); 3) A transferência de sentimentos infantis do analista ao paciente (MOELLER, 1977, p. 1).

Ao pensar na contratransferência e na experiência de estágio, surge a questão: Como trabalha um psicanalista no contexto hospitalar? Conforme Nali (2002), o relacionamento transferencial é de suma importância para a psicanálise. Porém, quando se trabalha em psicanálise num outro contexto, que não o consultório privado, algumas particularidades se fazem presentes, principalmente no que diz respeito ao próprio fenômeno transferencial. A psicanálise como campo de investigação vem se desenvolvendo ao longo do tempo, questionando e oferecendo propostas para novos espaços de atuação, como a psicologia hospitalar (NETO; BELO, 2019). A seguir trataremos como é a atuação do psicanalista dentro de um ambiente hospitalar.



Um estudo da contratransferência no ambiente hospitalar: a escuta psicanalítica a partir da série *the good doctor*

2.2 O PSICANALISTA E O HOSPITAL

Diante da função do analista, Freud (1918/1996) afirma que, na análise, o paciente é dirigido a resgatar experiências reprimidas, sendo de responsabilidade do analista construir, a partir dos traços captados na fala do sujeito, vínculo entre as duas partes. No âmbito hospitalar, entendemos que as práticas se sustentam na teoria psicanalítica, entretanto, tais atividades não são consideradas uma análise, mas uma possibilidade de utilização do método freudiano e efeitos de uma análise em outros contextos. No hospital, os pacientes chegam a narrar suas histórias sem tempo determinado ou preestabelecido. Nesse sentido, é possível pensar a psicanálise e seus efeitos na instituição hospitalar.

A psicologia hospitalar oferece escuta ao sujeito adoecido a fim de, entre outros objetos, favorecer a elaboração simbólica do adoecimento (SIMONETTI, 2011). No ano de 2015, a autora afirma que a psicologia hospitalar é um campo de atendimento e tratamento de aspectos psicológicos em torno do adoecimento. A rotatividade de pacientes internados possibilita o contato com uma diversidade de pessoas, cada uma com seus traumas, patologias, subjetividade, cultura, profissão, idade e, até mesmo, nacionalidade. Nessa perspectiva, uma das funções dos psicólogos dentro do hospital

[...] é o atendimento psicológico a pacientes e familiares e/ou responsáveis pelo paciente tendo como principal tarefa avaliar e acompanhar intercorrência psíquicas dos usuários dos serviços de saúde que estão ou serão submetidos a procedimentos médicos clínicos ou cirúrgicos, nas diferentes especialidades médicas (CFP, 2007, s.p. *apud* NETO; BELO, 2019, p. 123).

Vale ressaltar que a psicanálise só acontece quando o paciente apresenta transferência. Entretanto, pode-se destacar especificidades das demandas no ambiente hospitalar. Normalmente, é o paciente que procura o analista, porém, no hospital, há um movimento inverso, ou seja, o analista



Um estudo da contratransferência no ambiente hospitalar: a escuta psicanalítica a partir da série *the good doctor*

procura os pacientes em seus leitos. Em alguns momentos, os membros da equipe hospitalar solicitam o acompanhamento e a escuta de pacientes, muitas vezes de uma maneira exploratória, dito de outro modo, um ambiente que instiga a escuta do singular e do inesperado.

O psicanalista, no hospital, não atua sozinho. Diferentemente do consultório particular, ele faz parte de uma equipe. “O analista em um hospital, não é mais nem menos do que ele pode ser em qualquer lugar. Ele deve se aproximar bastante daquilo que é a sua função dentro deste ambiente” (MORETTO, 2011, p. 207 *apud* MACHADO; CHATELARD, 2013, p. 147). Geralmente, a atitude que os médicos e outros funcionários costumam tomar é a de encaminhar os pacientes para o consultório particular e não chamar o psicanalista para verificar o quarto do paciente. Para Simonetti (2015), o propósito do psicanalista no hospital é de focar na subjetividade do paciente, ou seja, de favorecer a travessia pelo adoecimento por parte do sujeito, levando-o a enfrentar seus sofrimentos físicos e psicológicos. Assim, respeitando a subjetividade dos pacientes, ouvir todo paciente que se prontifica a falar de sofrimento ou história, independentemente da qualidade da fala de cada um, pois muitas vezes a fala encontra-se desorganizada, por causa de medicamentos usados durante os procedimentos hospitalares. De certa forma, possibilitamos por meio das relações transferenciais, que o sujeito elabore a partir da construção de narrativas e interpretações seus sofrimentos físicos e psicológicos (FREUD, 1914/1996).

3 ESTRATÉGIAS DE PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

Baseado em uma revisão dos temas ‘transferência’ e ‘contratransferência’, da obra de Sigmund Freud e de outros autores pós-freudianos, foi possível sustentar argumentações e delimitações conceituais. Para tanto, foram selecionados textos de obras que fazem menções à transferência e à contratransferência dentro do contexto histórico e das intervenções hospitalares.



Um estudo da contratransferência no ambiente hospitalar: a escuta psicanalítica a partir da série *the good doctor*

Um dos métodos utilizados durante a elaboração desta pesquisa foi a psicanálise como estratégia de produção de conhecimento. Iribarry (2003) afirma que ao desenvolver uma pesquisa em psicanálise, o pesquisador coloca-se como sujeito da investigação, buscando ideias sobre a prática clínica, o que possibilita um intermédio da articulação entre a teoria e o caso a ser analisado. Esse processo tem como resultado a produção de um saber. A pesquisa psicanalítica, segundo Kobori (2013), tem como condição metodológica o uso do método psicanalítico, criado por Freud, com o objetivo de construir um novo conhecimento a respeito do ser humano, da sociedade e da cultura. Além de o campo clínico, a psicanálise pode ter vários outros campos de atuações e pesquisa. A psicanálise, fora do contexto da clínica, é controversa e recebeu diferentes denominações. Em Freud, ela é chamada de psicanálise aplicada, em Laplanche, de psicanálise extramuros e em Lacan, de psicanálise em extensão (ROSA, 2010). Compreende-se que a psicanálise extramuros alinha-se aos preceitos da pesquisa psicanalítica, assim como segue a rigor os conceitos da mesma. Herrmann (2001) defende que, baseado na interpretação, é possível dar um novo sentido à obra analisada. O mesmo autor ainda afirma que, a partir desse método, é possível analisar e adequar conteúdos, sejam eles esculturas, obras literárias, poemas, músicas, filmes e séries.

Em um segundo momento, por meio de uma escuta da série *'The Good Doctor'*, construiremos e analisaremos a série como um caso clínico e a pesquisa proporcionou a associação da teoria com o caso, permitindo estabelecer e produzir saberes diante da teoria psicanalítica. No decorrer dos episódios, algumas situações provocaram emoções e interpretações autores, optando por dar destaque a cenas e dar início à análise e resultados. Assim sendo, por meio da associação livre e da escuta, o trabalho se organiza em regularidades, como o Inquietante e o complexo de Édipo, a partir de teoria psicanalítica.



Um estudo da contratransferência no ambiente hospitalar: a escuta psicanalítica a partir da série *the good doctor*

4 ANÁLISE

4.1 A ESCUTA NO AMBIENTE HOSPITALAR: O INFAMILIAR E A CONTRATRANSFÊNCIA EM CENA

A série de televisão utilizada neste trabalho como caso clínico, '*The Good Doctor*', foi lançada em 2017, pela *American Broadcasting Company* (ABC), nos Estados Unidos. Atualmente, a série possui três temporadas e, no Brasil, é transmitida pela Globo Play. Criada por Daniel Dae Kim, inspirado em uma série da Coreia do Sul, baseada em um drama médico, a série começou a ser adaptada para os fãs dos Estados Unidos. Após a série ser recusada como um plágio, Kim se juntou com o criador de *Dr. House* (David Shore), fazendo com que outras redes tivessem interesse em reproduzir a série em seus canais. Na série, nos deparamos com Shaun Murphy (Freddie Highmore), um jovem médico diagnosticado com autismo de Síndrome de Savant, ou seja, a pessoa com esse diagnóstico apresenta habilidades muito desenvolvidas em determinada área (RODRIGUES *et al.*, 2020). Na medida em que é diagnosticado com autismo, Shaun precisa ser aprovado pela diretoria do Hospital *San Jose St. Bonaventure*, para ser considerado residente de cirurgia.

Considerando essas informações, a partir deste momento, serão descritos apontamentos e recortes de cenas da série sob a perspectiva psicanalítica, possibilitando analisar a contratransferência na relação entre médico e paciente.

Para dar início à análise, destaca-se a primeira cena que ocorre em um dos primeiros episódios da série. Shaun precisa atender um paciente com fratura no braço esquerdo e diagnóstico de câncer. Ao entrar no quarto, ele se depara com um menino com aparência semelhante a de seu falecido irmão, como corte de cabelo, sinais de nascença no rosto, olhos e fisionomia. Isso lhe desperta lembranças de quando brincavam, de quando aprendeu a ler, de como seu irmão o protegia de violências e lembranças afetuosas,



Um estudo da contratransferência no ambiente hospitalar: a escuta psicanalítica a partir da série *the good doctor*

consideradas familiares para Shaun.

Sobre a temática do (in)familiar, Freud (1919/2019) afirma que 'familiar' [heimlich] é uma palavra que se desenvolveu segundo a ambivalência, até se fundir, enfim, com seu oposto, o infamiliar [unheimlich]. Podemos traduzir o conceito freudiano de várias formas: o *Unheimlich* se apresenta como o estranho, o infamiliar, o inquietante e o duplo. Todos esses termos com o mesmo significado, algo familiar para o sujeito. Apesar de vários termos, para a análise deste trabalho, adotamos a tradução de Infamiliar.

Para Freud (1919/2019), o infamiliar existe quando o infantil recalcado é revivido por meio de impressões ou quando crenças do passado, consideradas superadas, aparecem novamente, mobilizando um estranhamento. O conceito remete ao velho conhecido, representando tudo o que deveria permanecer em segredo, oculto, mas que veio à tona (FREUD, 1919/2019). Esse movimento, de lembrar algo que estaria recalcado, é de forte valor afetivo, parcial ou totalmente inconsciente. O infamiliar constitui-se a partir das relações interpessoais da história infantil e pode estruturar todos os níveis psicológicos, sejam eles as emoções ou atitudes (PONTALIS; LAPLANCHE, 2001).

A partir da primeira cena, foi possível analisar como o médico ficou inquieto ao perceber que o paciente era parecido com seu irmão. Durante os procedimentos, não sabia como dar continuidade a não ser tratando o paciente como se fosse o seu próprio irmão e, de certa forma, surpreso por revê-lo após alguns anos. Mesmo em se tratando de uma representação em outra pessoa, o que lhe trouxe aparente satisfação, por outro lado, o médico vivenciou apresentou indícios de angústia, por não poder cuidar do irmão, da forma como fazia com o paciente. À medida que aparece o (in)familiar, podemos destacar a aflição e a inquietação de cuidar de um paciente que desperta lembranças do familiar.

De acordo com Freud (1919/2019), o infamiliar abriga tanto um sentido positivo de algo que conhecemos e reconhecemos, quanto o sentido negativo de algo que desconhecemos. Ao decorrer dos procedimentos médicos, é



Um estudo da contratransferência no ambiente hospitalar: a escuta psicanalítica a partir da série *the good doctor*

perceptível a existência de uma relação (in)familiar com o paciente, que precisa ser escutada.

A partir do movimento que Shaun faz diante da percepção e identificação do quanto o paciente é parecido com o irmão, a relação entre médico e paciente fica complicada ao tratar/atender, neste momento os autores escutam a contratransferência no caso. Por esse motivo, é necessário que o médico escute suas contratransferências e entenda que, naquele momento, ele está tratando de um paciente do hospital e não de seu irmão. Nesse processo, Dr. Shaun consegue identificar o que é seu e o que é do paciente, dando continuidade ao tratamento. O importante em diferenciar o que é seu e o que não é, para dar sequência em um tratamento/atendimento.

Sobre a contratransferência, Freud (1909/1969) relata que é como um obstáculo ao tratamento analítico e, como tal, devem ser reconhecidas, ou seja, diferenciadas das emoções do paciente. Assim, Freud (1911/2011) afirma ser a análise pessoal essencial para a escuta da contratransferência dentro do processo analítico, pois parte do trabalho do analista envolve tomar conhecimento desses sentimentos contratransferências e manejá-los adequadamente, para manter a postura analista perante a transferência do paciente.

Neste momento destacamos segunda cena a ser analisada a partir da série, na qual a personagem principal é Dra. Browne (Antonia Thomas), solteira, reside com a mãe e é responsável por ela desde sua adolescência, quando a mãe da doutora tinha crises alcoólicas, saía durante à noite e deixava toda a responsabilidade da casa com Browne. No episódio em análise, a médica é chamada para atender um caso clínico de uma menina de 16 anos, que precisa urgente de uma cirurgia na vesícula biliar. Ao entrar na sala de cirurgia, Dra. Browne observa que há marcas de cortes nas pernas e braços da paciente e questiona sobre o ocorrido e descobre que a paciente se automutila.

Neste momento, a médica realiza um acolhimento da paciente, para saber o motivo da automutilação, e a paciente fala que a mãe geralmente não



Um estudo da contratransferência no ambiente hospitalar: a escuta psicanalítica a partir da série *the good doctor*

está em casa, não dá atenção aos filhos e a menina fica na obrigação de cuidar dos irmãos menores, lavar roupa, lavar louça e se nomeia como mãe da casa. Durante o relato da paciente, Dra. Browne fica em silêncio, escutando todo o relato da paciente. Logo mais tarde, após o expediente, Browne agenda uma consulta imediata com a sua psicóloga, e a principal demanda da sessão seria a respeito dela estar brava e inconformada com a mãe da paciente, por não dar atenção aos filhos, deixando toda a responsabilidade com a filha mais velha. Ou seja, Browne não está angustiada/inquietante com a mãe da paciente, e sim com a sua própria mãe, que deixava ela sozinha em sua casa, e solicitava que Browne tomasse conta da casa, precisando fazer comida, arrumar a casa e fazer compras no supermercado, delegando uma responsabilidade de mãe à criança.

Apenas quando Dra. Browne compreende suas contratransferências e volta ao caso da paciente, conseguindo entender o que é seu e o que seria a história da paciente, se colocando no lugar de médica e não de filha. “Quanto mais uma pessoa se orienta por aquilo que se encontra na sua volta, menos é atingida pela impressão de infamiliaridade quando às coisas ou acontecimentos” (FREUD, 1919/2019, p. 33).

Para finalizar a análise, a terceira cena que chamou atenção dos autores, trata-se do personagem Dr. Park (Will Yun Lee) que passa por certos conflitos familiares. Atualmente divorciado e possui um filho, cujo nome é Kellan. Após a separação Park seguiu sua vida e decidiu cursar medicina. Na maior parte do tempo, dedicou-se aos estudos e à sua profissão, ocasionando o abandono do filho, evitando visitas e contatos diários.

No mesmo episódio, Kellan visita o pai no hospital, com intenção de passar um tempo com ele. Porém, Dr. Park está em plantão e seu filho precisa passar todo o final de semana com o pai dentro do hospital. Durante um diálogo entre pai e filho, é possível identificar como Kellan está desanimado com a presença do pai, pelo abandono, por não ter sido presente em seus treinos e campeonatos de futebol e durante seus estudos. Ao longo da conversa, Dr. Park é chamado para a sala de emergência e deixa o menino sem respostas.



Um estudo da contratransferência no ambiente hospitalar: a escuta psicanalítica a partir da série *the good doctor*

Ao chegar à emergência do hospital, Dr. Park se depara com um paciente do sexo masculino, diagnosticado com leucemia, que precisa fazer um transplante de medula urgente. Dr. Park comenta com seu paciente que a melhor solução seria a doação de medula óssea, que viria do pai. Ao escutar essa fala, o paciente solicita que não nomeie esse homem como pai, pois esse homem abandonou a família quando ele tinha apenas quatro anos. Desde então, não tiveram mais nenhum contato. Com base no relato do paciente sobre o abandono do pai, escutamos as mobilizações contratransferências em Park e uma semelhança sobre a conversar que estava tendo com seu filho momentos antes de ser chamado para a emergência.

Neste momento é identificada a contratransferência no caso clínico, quando o médico/analista identifica algo da sua história no seu paciente e essa relação fica conflituosa. A contratransferência engloba os conflitos não resolvidos do analista, suas experiências e sua personalidade, bem como suas reações racionais, objetivas (ETCHEGOYEN, 2003, p. 173). Nessa representação de médico e paciente, Dr. Park assume a figura de pai, não de médico e começa a pensar que, algum dia, poderia ser o Kellan relatando que “não nomeiem esse homem como pai, pois me abandonou”, ou seja, trazendo sua história para o atendimento.

Conforme Wolff e Falcke (2011, s.p. *apud* RACKER, 1986, s.p.), a contratransferência seria o resultado das identificações que o analista faz com o paciente, podendo se tornar um obstáculo para a continuidade do tratamento, caso não esteja bem resolvido para o médico/analista. Afirmando isso, Etchegoyen (2003) diz que a contratransferência estaria ligada ao fato de surgir um estranhamento para o terapeuta ao se ver e se reconhecer no paciente que trata.

Dr. Park ficou comovido com a relação da sua história com a do paciente e, para dar continuidade ao tratamento, sentou com seu filho e esclareceu a situação do divórcio e por não conseguir demonstrar seus sentimentos, pois durante a sua infância, o pai de Park ensinou que homem não poderia chorar e repetia inúmeras vezes a frase: “Seja como pedra, não



Um estudo da contratransferência no ambiente hospitalar: a escuta psicanalítica a partir da série *the good doctor*

chore”, por meio de um conflito edípico, Park guardou todas as suas emoções por medo do pai, pois um homem não poderia demonstrar suas emoções. O pai de Park aparece, aqui, como aquele que intervém no desejo do filho, o que impede de demonstrar suas emoções. De acordo com Freud (1914/1996), durante a infância, o pai proíbe o filho de desejar a mãe, sob a ameaça da castração. Proibindo algo do desejo e prazer do filho, o pai faz surgir a frustração no filho em não demonstrar nenhuma emoção, abrindo caminho para uma identificação, em nosso caso clínico, de ser um homem semelhante a uma pedra.

Apesar de Park ser um homem adulto, este pai que escolheu negar suas emoções diante de situações afetuosas, continua tendo influência sobre ele e fazendo despertar conflitos em suas relações atuais, ou seja, o Édipo atualiza-se e a frustração e a identificação continuam presentes nas mais diversas condutas e dinâmicas da vida cotidiana. Após a conversa com o filho, Park ainda afirma que, aos poucos, vai silenciar a voz do pai, que irá tentar demonstrar mais emoções afetuosas e se declarar para o filho, dizendo que jamais deixará de amá-lo. Esclarecendo toda a situação com o filho, Park escutou suas contratransferências e deu continuidade ao tratamento do paciente.

Dessa forma, destacamos uma psicanálise em que o analista não é aquele que não é mobilizado ou indiferente às histórias de seus pacientes, mas é analista aquele que pode escutar suas contratransferências e colocá-las a serviço da análise. Um analista perpassa uma formação que exige estudo teórico, análise e supervisão. Caminhos que permitem construir destinos às mobilizações contratransferências e o surgimento de uma posição de analista diante da escuta do (in)familiar que nos habita.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta investigação, visamos compreender a principal diferença entre transferência e contratransferência e como ambas relações transferenciais podem inibir o atendimento, pois a contratransferência coloca o desejo do



Um estudo da contratransferência no ambiente hospitalar: a escuta psicanalítica a partir da série *the good doctor*

analista frente ao atendimento, interferindo no manejo e condução do caso clínico. Quanto à escolha dos casos clínicos da análise, utilizou-se uma série lançada recentemente, no ano de 2019, que possui um cenário hospitalar. Evidencia-se pensar na psicanálise no contexto hospitalar e qual o espaço que a abordagem psicanalítica ocupa em um ambiente diferente da clínica particular. A respeito das relações transferenciais, concluiu-se que é necessário que o analista escute suas contratransferências, procurando outro profissional, assim, resultando ao início de uma análise, para dar continuidade ao atendimento do seu paciente e à condução de uma análise e escuta clínica.

Ao decorrer do artigo, vale destacar uma problematização, “é possível praticar a psicanálise no ambiente hospitalar?”. Sim, é possível, conforme outras abordagens, a psicanálise possui seu espaço diferenciado da clínica atual, ou seja, neste contexto seu *setting* analítico é diferenciado. “No hospital, a abordagem e *setting* são modificados, afinal o leito se transforma em divã, permitindo a fundamentação da psicanálise, ou seja, a escuta do paciente ou profissional do hospital que estejam em sofrimento” (NETO; BELO, 2019, p. 127). A psicanálise consegue ultrapassar fronteiras de um consultório bem mobiliado, para descobrir que o inconsciente está onde o sujeito fala, onde ocorre a associação livre e as relações transferenciais, desde que o analista seja capaz de escutar e manejar a contratransferência.

REFERÊNCIAS

- CESÁRIO, CG de C. **O conceito de resistência na obra de Freud e sua função na psicanálise**. Tese de Doutorado. Tese de mestrado. São João del Rei PPGPSI– UFSJ, 2012.
- ETCHEGOYEN, R. Horácio. **Fundamentos da técnica psicanalítica**. Grupo A Educação, ed. 2, 2003.
- FREUD, Sigmund. **Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros**



Um estudo da contratransferência no ambiente hospitalar: a escuta psicanalítica a partir da série *the good doctor*

trabalhos Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (1909). Rio de Janeiro: Imago, 2010

FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar (1914). *In: Obras completas. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso de Schreber”): artigos sobre técnica e outros textos* (1911/1913). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. Observações sobre o amor de transferência (1915). *In: Obras completas. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso de Schreber”): artigos sobre técnica e outros textos* (1911/1913). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. História de uma neurose infantil. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** (1918). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. O infamiliar [Das Unheimliche]. **Edição comemorativa bilíngue (1919-2019)**: Seguido de O Homem da Areia de ETA Hoffmann. Autêntica, 2019.

FREUD, S. A dissolução do complexo de Édipo. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** (1914). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica. *In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago; 1909/1969.

HERRMANN, Fábio. **Introdução à teoria dos campos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.



Um estudo da contratransferência no ambiente hospitalar: a escuta psicanalítica a partir da série *the good doctor*

IRIBARRY, Isac Nikos. O que é pesquisa psicanalítica? **Ágora: Estudos em teoria psicanalítica**, v. 6, n. 1, p. 115 -138, 2003.

KOBORI, Eduardo Toshio. Algumas considerações sobre o termo psicanálise aplicada e o método psicanalítico na análise da cultura. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 12, n. 2, p. 73-81, 2013.

ISOLAN, Luciano Rassier. Transferência erótica: uma breve revisão. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, v. 27, n. 2, p. 188-195, 2005.

LACAN, Jacques. **O Seminário Livro 2 - O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-1955)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

MACEDO, Mônica Medeiros Kother; DE BARROS FALCÃO, Carolina Neumann. A escuta na psicanálise e a psicanálise da escuta. **Psychê**, v. 9, n. 15, p. 65-76, 2005.

MACHADO, Maíla Do Val; CHATELARD, Daniela Sheinkman. A psicanálise no hospital: dos impasses às condições de possibilidades. **Ágora: Estudos Em Teoria Psicanalítica**, v. 16, n. 1, p. 135-150, 2013.

MAURANO, Denise. **A transferência: uma viagem rumo ao continente negro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2006.

MINERBO, Marion. **Diálogos sobre a clínica psicanalítica**. Editora Blucher, 2016.

NETO, Orestes Diniz; BELO, Fábio Roberto Rodrigues. **Psicologia hospitalar e psicanálise: escuta e cuidado ao idoso**. Belo Horizonte: Atesã, 2019.



Um estudo da contratransferência no ambiente hospitalar: a escuta psicanalítica a partir da série *the good doctor*

MOELLER, Michael, Lukas. Self and object in countertransference.

International Journal of Psychoanalysis, v. 58, p. 365-374, 1977. Disponível em: <https://www.pep-web.org/document.php?id=ijp.058.0365a>. Acesso em: 13 nov. 2020.

NALI, Maria Cristiane. A sutileza da transferência no contexto hospitalar.

Estilos da Clínica, v. 7, n. 13, p. 32-41, 2002.

PALHARES, Maria do Carmo Andrade. Transferência e contratransferência: A clínica viva. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 42, 2008.

PIMENTEL, Claudia Bonfily; BARROS, Izabella Paiva Monteiro de.

Transferência e desfecho terapêutico em psicoterapia psicodinâmica breve.

Psicologia: Teoria e prática, v. 11, n. 1, p. 142-152, 2009.

PONTALIS, Jean-Baptiste; LAPLANCHE, J. Vocabulário da psicanálise. **São Paulo: MartinsFontes**, 2001. Disponível em:

http://estacio.webaula.com.br/BiBlioTECA/Acervo/Complementar/Complementar_458_1.pdf. Acesso em: 17 out. 2020.

RODRIGUES, Vânia; NASCIMENTO, Sofia; MAIA, Luis. Transtorno do espectro autista: o Síndrome de Savant. **Psicologia, Saúde & Doenças**, v. 21, n. 2, p. 387- 394, 2020.

ROSA, Miriam Debieux; DOMINGUES, Eliane. O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. **Psicologia & Sociedade**, v. 22, 2010.

SIMONETTI Alfredo. Manual de psicologia hospitalar: **o mapa da doença**. Ed. 06. Casa do psicólogo, São Paulo, 2011.



Um estudo da contratransferência no ambiente hospitalar: a escuta psicanalítica a partir da série *the good doctor*

SIMONETTI Alfredo. **A cena hospitalar**: psicologia médica e psicanálise. Ed. Artesã- Belo Horizonte, 2018.

SIMONETTI, Alfredo. **Psicologia hospitalar e psicanálise**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015.

WINNICOTT, Donald Woods. **O ambiente e os processos de maturação**: estudo sobre a teoria do desenvolvimento emocional. 1983.

WOLFF, Cíntia; FALCKE, Denise. A contratransferência na clínica psicanalítica contemporânea. **Análise Psicológica**, v. 29, n. 2, p. 201-214, 2011.

ZAMBELLI, Cássio Koshevnikoff et al. Sobre o conceito de contratransferência em Freud, Ferenczi e Heimann. **Psicologia Clínica**, v. 25, n. 1, p. 179-195, 2011.

